6-Nov

6.11.75

TL2473

C O M U N I C A D O

Um povo de 650.000 pessoas luta corajosamente pela sua liberdade. O povo de Timor-Leste, oprimido durante séculos pela dominação colonial, abandonado às mais duras condições de subdesenvolvimento, levanta-se agora em armas para decidir do seu destino.

Coordenadas para compreender a actual situação em Timor-Leste

1. Iniciada em Portugal a política de descolonização, a burguesia existente em Timor-Leste (altos funcionários, régulos, grandes proprietários de plantações de café ou coco, criadores de gado) optou claramente por uma solução de dependência: enquanto uma pequena minoria preconizou logo de início a anexação à Indonésia (posição da APODETI), a maioria procurou manter ao máximo o "statu quo" através da fórmula neocolonial na órbita de Portugal, mediante uma solução de tipo federativo (posição da UDT).

2. Esta segunda alternativa vinha, também inicialmente, ao encontro do espírito reinante nas esferas do poder em Portugal. Camuflado em linguagem progressista, alimentava-se o sonho de manter a influência neocolonial à escala do antigo "Império" português. As primeiras declarações de Almeida Santos nem sequer escondem a existência deste sonho quanto a Timor.

3. Entretanto consolida-se um forte movimento popular favorável à independência, fomentado e expresso pela única força progressista e implantada nas massas - a FRETILIN. De acordo com a sua lógica, as autoridades portuguesas substimam a importância desse movimento e chegam a reunir-se em Macau com a APODETI e a UDT, mas sem a FRETILIN, para decidir o futuro do povo timor.

4. Derrotada no terreno da luta política e da adesão das massas, a burguesia local tenta um golpe de estado em 11 de Agosto passado, violando o acordo de Macau que ela própria tinha assinado, contando para o efeito com a colaboração de certas autoridades coloniais.

5. Mas a estratégia da burguesia portuguesa tinha-se alterado: abandonando a pretensão neocolonial por desinteresse em pagar o preço que ela exige para o caso de Timor, os responsáveis políticos portugueses desejam inconfessadamente desembaraçar-se de Timor a favor da Indonésia.

6. O golpe de Estado da UDT encontra pela frente a resistência popular e em breve a FRETILIN controla todo o território de Timor-Leste. E então, "abandonada" por Portugal, escorraçada pelo povo, a UDT escolhe a submissão à Indonésia: muda de nome para Movimento Anti-Comunista, alia-se à APODETI, refugia-se na parte indonésia da ilha.

7. A Indonésia afirma não poder permitir uma zona de "instabilidade" na sua vizinhança, quer dizer, o fascismo indonésio não pode permitir um regime progressista às suas portas, factor de contágio sempre possível a perturbar o "equilibrio" da região.

8. Por isso a Indonésia serve-se da cobertura que lhe é dada pela burguesia timorense para invadir o território de Timor-Leste, enquanto mantém aprisionados 23 soldados do exército português.

Algumas perguntas

a) Até quando as autoridades portuguesas continuarão incapazes de sincronizar com as mais fundas aspirações dos povos? Porque razão Vitor Alves assina em Macau um acordo com a UDT e a APODETI, na ausência da FRETILIN, legítimo representante do povo timor? Até quando a submissão aos jogos da burguesia e aos interesses imperialistas?

b) Alguém tem dúvidas de que o povo indonésio suporta agora um dos piores fascismos do mundo??Quem já se esqueceu das centenas de milhares de mortos provocados por Suharto para subir ao poder? Quem pode aceitar tranquilamente a ideia de se desembaraçar do "peso" de Timor para o "confiar" à Indonésia?

c) Alguém tem dúvidas de que são indonésios os barcos de guerra, os carros de combate, os aviões e helicopteros que apoiaram a invasão e a agressão sobre Timor-Leste? Alguém tem dúvidas de que as forças que lutam contra o povo de Timor e a FRETILIN qurem pura e simplesmente a anexação de Timor-Leste à Indonésia de Suharto?

d) Até quando a política externa portuguesa continua a ajoelhar-se diante das ingerências e agressões estrangeiras sempre que elas são contrárias à causa da libertação dos povos? Tal como diante do Zaire e da Africa do Sul no caso de Angola, não é verdade que a diplomacia portuguesa continua a silenciar perante a Indonésia os mais elementares protestos pelas invasões praticadas?

e) Como é possível que o ministro Melo Antunes tenha convidado o ministro dos estrangeiros indonésio para discutir em Roma o futuro de Timor-Leste mas costas do seu povo, antes mesmo de quaisquer conversações oficiais entre o governo português e a FRETILIN, único legítimo representante do povo timor?

CONTRA O IMPERIALISMO, SOLIDARIEDADE INTERNACIONALISTA !

FRETILIN VENCERÁ !

Lisboa, 6 de Novembro de 1975
Centro de Informação e Documentação Anti-Colonial (C.I.D.A.-C.)